



**Abertura do 9º Congresso da
categoria, amanhã, às 18h na Sede,
marcará as quatro décadas do
1º Congresso das Metalúrgicas do ABC**

TAMBÉM AMANHÃ



**Diretoria Plena,
às 15h**



**Assembleia
Geral, às 16h**

Notas e recados

FOTOS: DIVULGAÇÃO



DIREITOS DA TRABALHADORA - 1
Uma ex-gerente na empresa T-Systems ganhou na justiça indenização de R\$ 30 mil por ser obrigada a trabalhar mesmo com atestado médico.



DIREITOS DA TRABALHADORA - 2
Ela trabalhou durante toda a gravidez, apesar de apresentar à empresa um atestado indicando que a gestação era de risco. O parto foi prematuro.



IGUALDADE SALARIAL - 1
A Islândia, lugar com mais igualdade entre homens e mulheres no mundo, se tornou este ano o 1º país a colocar em vigor uma lei que exige a igualdade salarial.



IGUALDADE SALARIAL - 2
Com a lei, empresas com mais de 25 trabalhadores são obrigadas a obter uma certificação especial sobre políticas de igualdade de remuneração.



FEMINICÍDIO
A edição deste mês da revista *Le Monde Diplomatique Brasil* traz na capa a justiça enforcada cercada pelos principais atores do golpe parlamentar de 2016.

MULHERES OCUPAM A AV. PAULISTA EM DEFESA DA DEMOCRACIA E DOS DIREITOS

ARTE: MARIA DIAS/CUT-SP

As metalúrgicas do ABC participam hoje, Dia Internacional da Mulher, do ato em defesa da democracia, promovido pela CUT, sindicatos e movimentos de mulheres.

A concentração será às 16h na Praça Oswaldo Cruz, no Paraíso, em São Paulo. Às 18h, as mulheres sairão em marcha pela Avenida Paulista.

O tema deste ano é “Pela vida das mulheres, democracia e soberania!”, contra os retrocessos que as medidas do governo Temer representam para a classe trabalhadora, com os ataques aos direitos sociais e trabalhistas e o golpe contra a presidenta legitimamente eleita Dilma Rousseff.

Além do desmonte da CLT, a reforma Trabalhista aprovada permite que mulheres grávidas e lactantes

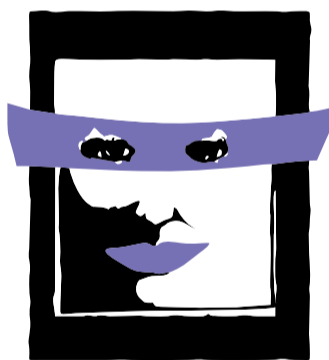


trabalhem em locais insalubres.

Também serão realizados atos nas principais ci-

dades e estados do País. As manifestações integram a Jornada de Luta das Mulheres em Defesa da Democra-

cia e dos Direitos organizada pela CUT e movimentos de mulheres, feministas e populares.



Curso de Promotoras Legais Populares

Estão abertas as inscrições para o curso Promotoras Legais Populares em São Bernardo, com início no dia 13.

O objetivo é promover a autonomia das mulheres por meio do acesso à informação sobre seus direitos para fortalecer a

participação nos movimentos sociais e na sociedade.

O local de inscrição e aulas é no auditório da Câmara Municipal, na Praça Samuel Sabatini, s/n, Centro. Email: promotoraslegais.sbc@gmail.com. O curso é gratuito.

Saúde

A evolução das políticas de saúde da mulher no Brasil

Comente este artigo.

Envie um e-mail para dstma@smabc.org.br

Departamento de Saúde do Trabalhador e Meio Ambiente

A atenção à saúde da mulher, na história das políticas de saúde no Brasil, era reduzida aos parâmetros da atenção materno-infantil e, mesmo assim, relegada ao segundo plano.

No Brasil, esta política de saúde evidenciou um salto de qualidade na década de 80, com a formulação de propostas de atenção integral à saúde da mulher, que visavam à incorporação da própria mulher como sujeito ativo no cuidado da sua

saúde, considerando todas as etapas de sua vida.

Foi elaborada no contexto da redemocratização do País, durante a Conferência de Alma-Ata (1978) e com a participação dos movimentos sociais e de mulheres.

Hoje temos a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher, elaborada em 2004, a partir de diagnóstico epidemiológico da situação da saúde da mulher no Brasil e do reconhe-

cimento da importância de se contar com diretrizes que orientassem as políticas de Saúde da Mulher.

Os principais objetivos desta política são: promover um atendimento mais justo, humano, eficiente e eficaz às mulheres. Ela pretende incorporar as questões de identidade de gênero e raça na formação dos profissionais de saúde, além de intensificar o trabalho e o olhar sobre mulheres em situação de violência.

HISTÓRIA DE LUTA: 1º CONGRESSO DAS METALÚRGICAS COMPLETA 40 ANOS

Há 40 anos as mulheres da categoria promoviam uma atividade pioneira que seria o marco de uma história de luta pela igualdade, o 1º Congresso das Metalúrgicas do ABC, realizado em 1978, em plena ditadura militar. Para fazer jus a essa trajetória de grandes desafios e conquistas, o 9º Congresso dos Metalúrgicos do ABC, que começa amanhã às 18h, na Sede, relembrará a data.

“Não se trata de uma homenagem, o mês de março e a abertura do Congresso têm que marcar a luta das mulheres pela igualdade. Homens e mulheres na luta por uma sociedade igual e justa, assim vamos ter um País decente”, declarou o presidente do Sindicato, Wagner Santana, o Wagnão.

A diretora executiva, responsável pela Formação, Michelle Marques, destacou que a luta deve ser permanente. “Seguimos dando continuidade ao que nossas companheiras começaram em 1978 e, apesar de todos os avanços, a desigualdade

ainda continua, por isso não podemos parar, a luta deve ser permanente. Depois de quatro décadas, ainda estamos discutindo questões que já deveriam estar superadas, se esse fosse um País igualitário”, afirmou.

A necessidade de as mulheres ocuparem os espaços no Sindicato e na sociedade foi destacada pela coordenadora da Comissão das Metalúrgicas do ABC, Andrea Ferreira de Sousa, a Nega. “É importante a participação feminina em todas as esferas da sociedade e também no Sindicato. As conquistas que tivemos só foram possíveis por conta das companheiras guerreiras que passaram por essa casa durante os últimos 40 anos”.

Participação essa que foi reprimida durante o 1º Congresso. O evento contou com pouco mais de 350 trabalhadoras, quando na verdade, 800 delegadas estavam inscritas. Obstáculos impostos pelos patrões e até ameaças de demissão impediram mais da metade das companheiras de virem ao Sindicato.



Michelle



Grupo de trabalho durante o Congresso das Mulheres Metalúrgicas. São Bernardo, SP, 1978. Arquivo do Jornal Diário do Grande ABC.



Os desafios do 1º Congresso

A ideia para o 1º Congresso, realizado nos dias 21 e 28 de janeiro de 1978, surgiu a partir de um debate levantado pela **Tribuna Metalúrgica**, sobre o que acontecia com as mulheres nas fábricas da região.

Na ocasião, as metalúrgicas apresentaram a realidade sobre a repressão e o descaso com os direitos das trabalhadoras para jornalistas, professores, sociólogos e trabalhadores de outras categorias que participaram da atividade como convidados.

Os salários das mulheres, por serem baixos, eram



considerados como complementação salarial da família, além do tratamento discriminatório das chefias, exigências vexatórias por parte das empresas no uso dos sanitários, inadequação das creches e dos vestiários e inexistências de locais para refeições.

Solidariedade internacional

Em visita ao Sindicato, na última segunda, representantes da **United Steelworkers**, a **USW**, entregaram uma carta às companheiras, onde se solidarizam “nesta luta tão importante para a igualdade no lugar de trabalho, na casa, no Sindicato e na sociedade. A sua luta é a nossa! Solidariedade internacional das ‘Mulheres de Aço’. Axé!”, escreveu a vice-presidente da USW, Carol Landry.

EDU GUIMARÃES



Andrea

Tribuna Esportiva



FOTOS: DIVULGAÇÃO

A seleção brasileira de futebol caiu no grupo B no sorteio da Copa América Feminina, no Chile, junto com Equador, Argentina, Venezuela e Bolívia.



Formiga está de volta à seleção após anunciar a aposentadoria. Ela quer passar a experiência às mais novas. “Fazer com que acreditem que podem continuar”, disse.



O Corinthians lançou campanha de combate ao assédio e à violência contra a mulher. O uniforme masculino trará a frase #RespeitaAsMinas e o feminino: “Não é não!”.



Sem perder desde 2005, Cris Cyborg defende pela segunda vez o cinturão peso-pena do UFC. A próxima luta será contra a também brasileira Amanda Nunes.



O Brasil conquistou duas medalhas na etapa da Copa do Mundo de Ginástica Artística na Austrália. A estreante Isabel Barbosa garantiu a prata no solo e na trave.

MAIS DIREITOS NO DIA A DIA DAS METALÚRGICAS DO ABC

Ao longo de 40 anos de participação feminina, as metalúrgicas do ABC tiveram várias conquistas. Confira o que trabalhadoras na base falaram sobre a importância do auxílio creche, da licença maternidade e do apoio do Sindicato na luta pela reintegração.



ADONIS GUERRA

“Eu trabalhei por 14 anos na usinagem, naquelas máquinas antigas e pesadas, fui mandada embora cheia de dores nos braços e ombros por trabalho repetitivo. O Sindicato me ajudou muito, desde o médico do trabalho aos advogados que me deram o maior apoio. Desempregada e com um filho, tive que me virar, trabalhei em casa de família, vendi sorvete na rua. Com o processo de reintegração ganho, nasci de novo e consegui voltar à fábrica”, Maria Amélia Gomes da Silva, a Índia, trabalha na montagem da Apis Delta, em Diadema, há 27 anos ao todo.



FOTOS: EDU GUMARÃES

“Tenho dois filhos, de 6 e 3 anos, e pude contar com a licença maternidade de 180 dias e o auxílio-creche. Foi maravilhosa a experiência de aproveitar ao máximo os seis primeiros meses, que são essenciais na vida da criança. A mulher não pode achar que o filho vai te impedir de desenvolver uma carreira. E é importante ter esse suporte para poder voltar a trabalhar em paz e continuar com os planos, investir no futuro e na carreira”, Jaqueline Félix Leão da Silva, trabalhadora na fábrica de cabinas da Scania, em São Bernardo, há 9 anos.



“Quando tive o primeiro filho, eu não trabalhava, fiquei com ele e vi o quanto precisa da gente. No segundo filho, em 2015, já estava na empresa. Peguei a licença de 180 dias e foi muito bom. A amamentação, que era a minha maior preocupação, foi tranquila. Deu para acompanhar muito bem. A cada semana, o bebê já faz coisas novas. Pude voltar ao trabalho com ele mais forte e com imunidade melhor. É sempre corrido, mas vale a pena. Adoro ser mulher”, Kelly Nunes Maciel Lourenço, trabalha no setor de injetora da Kostal, em São Bernardo, há 10 anos.



“Sou sócia do Sindicato desde que entrei na fábrica. Aqui não tem CSE, então a representação fica mais com a Cipa. Antes só tinha homem e me candidatei como cipeira por causa disso, para colocar a opinião das mulheres nas questões de saúde e segurança. Estou no segundo mandato e faço parte da brigada, que também só tinha homem. As mulheres devem ter condições de igualdade e oportunidades”, Rozenilda Lins Carvalho Silva, a Roze, trabalhadora na estamparia da Alumínio Marcolar, em Ribeirão Pires, há 9 anos.

Dicas de leitura

Parque Industrial
 Autora: Mara Lobo -
 codinome de Patrícia
 Galvão, a Pagu
 (disponível para baixar)



Feminismo em comum para
 todas, todes e todos
 Autora: Marcia Tiburi
 (de R\$ 13 a R\$ 20).

